



NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

NARRATIVES OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS ABOUT INTERNALIZED HOMOPHOBIA: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF CULTURAL-HISTORICAL PSYCHOLOGY

NARRATIVAS DE JÓVENES UNIVERSITARIOS SOBRE LA HOMOFOBIA INTERIORIZADA: UN ANÁLISIS A LA LUZ DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

José da Silva Oliveira Neto¹, Ana Ignez Belém Lima²

e595712

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i9.5712>

PUBLICADO: 09/2024

RESUMO

Há processos homofóbicos nas relações universitárias, sejam aqueles manifestos entre alunos, entre professores e alunos ou até mesmo entre alunos e os equipamentos da universidade. A homofobia é um processo psicossocial, o que significa que ela tem uma história, a qual, por sua vez, se enraíza no cotidiano de pessoas homossexuais, inclusive em espaços educacionais como a universidade. Em certos períodos do desenvolvimento, a homofobia pode causar danos significativos na experiência de vida da pessoa que a sofre, e um desses períodos críticos é a juventude, durante a qual nossas necessidades e atividade mudam drasticamente. Este estudo objetivou analisar as narrativas de jovens universitários brasileiros sobre suas vivências de homofobia internalizada. O processo de pesquisa se caracterizou dentro da perspectiva qualitativa e, durante ele, foram realizadas entrevistas com quatro participantes, que responderam ao instrumento Dinâmica do Tempo. O *corpus* da pesquisa foi analisado a partir da Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski, sobretudo através dos conceitos de sentido e vivência. Por fim, o estudo indicou que a experiência de jovens homossexuais brasileiros universitários é eminentemente marcada por elementos psicossociais de homofobia, os quais contribuem para maiores índices de homofobia internalizada entre esse público, afetando a produção de sentidos negativos acerca de si e do mundo, além de tensionar sua vivência rumo a um desenvolvimento patológico. Nesse contexto de violência, jovens homossexuais universitários podem ficar à mercê de ambientes acadêmicos que não contam com uma estrutura adequada para seu acolhimento, havendo, assim, a necessidade de revisitação dos moldes da universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia internalizada. Jovens universitários. Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

There are homophobic processes in university relationships, be they between students, between teachers and students or even between students and university facilities. Homophobia is a psychosocial process, which means that it has a history, which in turn is rooted in the daily lives of homosexual people, including in educational spaces such as universities. In certain periods of development, homophobia can cause significant damage to the life experience of the person who suffers it, and one of these critical periods is youth, during which our needs and activities change drastically. This study aimed to analyze the narratives of young Brazilian university students about their experiences of internalized homophobia. The research process was characterized from a qualitative perspective, and, during it, interviews were conducted with four participants, who responded to the Time Dynamics instrument. The research corpus was analyzed using L. S. Vygotsky's Historical-Cultural Psychology, especially through the concepts of meaning and experience. Finally, the study indicated that the experience of young homosexual Brazilian university students is eminently marked by psychosocial elements of homophobia, which contribute to higher rates of internalized homophobia among this public, affecting the production of negative meanings about themselves and the world, as well as straining their experience towards a pathologica

¹ Psicólogo (UECE) e sexólogo (CBI of Miami), Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicoterapeuta histórico-cultural e fundador do Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará (NPHC).

² Psicóloga, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Santiago da Compostela (Espanha). Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

development. In this context of violence, young homosexual university students can find themselves at the mercy of academic environments that don't have an adequate structure for welcoming them, so there is a need to revisit the molds of the university.

KEYWORDS: *Internalized homophobia. Young university students. Cultural-Historical Psychology.*

RESUMEN

Existen procesos homófobos en las relaciones universitarias, ya sea entre estudiantes, entre profesores y estudiantes o incluso entre estudiantes e instalaciones universitarias. La homofobia es un proceso psicosocial, lo que significa que tiene una historia, que a su vez está arraigada en la vida cotidiana de las personas homosexuales, incluso en espacios educativos como las universidades. En determinados periodos del desarrollo, la homofobia puede causar daños significativos en la experiencia vital de la persona que la sufre, y uno de estos periodos críticos es la juventud, durante la cual nuestras necesidades y actividades cambian drásticamente. Este estudio tuvo como objetivo analizar las narrativas de jóvenes universitarios brasileños sobre sus experiencias de homofobia interiorizada. El proceso de investigación se caracterizó desde una perspectiva cualitativa y, durante el mismo, se realizaron entrevistas a cuatro participantes, que respondieron al instrumento Time Dynamics. El corpus de la investigación se analizó utilizando la Psicología Histórico-Cultural de L. S. Vygotsky, especialmente a través de los conceptos de significado y experiencia. Finalmente, el estudio indicó que la experiencia de los jóvenes universitarios brasileños homosexuales está eminentemente marcada por elementos psicosociales de homofobia, que contribuyen a mayores índices de homofobia internalizada entre este público, afectando la producción de significados negativos sobre sí mismos y el mundo, así como tensionando su experiencia hacia un desarrollo patológico. En este contexto de violencia, los jóvenes universitarios homosexuales pueden encontrarse a merced de entornos académicos que no cuentan con una estructura adecuada para acogerlos, por lo que es necesario revisar los moldes universitarios.

PALABRAS CLAVE: *Homofobia interiorizada. Jóvenes universitarios. Psicología Histórico-Cultural.*

INTRODUÇÃO

A homofobia é um processo psicossocial com raízes históricas muito específicas, assim ela se enraíza no cotidiano de indivíduos homossexuais cotidianamente e das mais variadas formas, como: nas relações escolares; nos ambientes de educação; na rua; e até mesmo na universidade (Borrillo, 2015). Há estudos nacionais e internacionais que apontam que a homofobia é um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais entre homens gays e mulheres lésbicas, dentre esses problemas clínicos, alguns mais comuns são: transtornos de ansiedade, transtornos de humor, condutas de autolesão e suicídio (Alves *et al.*, 2017; Antônio *et al.*, 2012; Matos *et al.*, 2020).

Nesse contexto, as práticas homofóbicas também tomam um formato intrassubjetivo, que se chama homofobia internalizada, a qual é definida como as parcelas de violência homofóbica das quais indivíduos que vivem em uma realidade homofóbica se apropriam em direção à sua personalidade. Há evidências de que a homofobia internalizada está associada com desfechos negativos na saúde mental de gays e lésbicas, inclusive nos contextos universitários (Amaral, 2013; Neves *et al.*, 2019; Sampaio; Viana, 2014).

Tendo em vista o problema descrito, este estudo se justifica em termos de relevância para a área dos estudos de diversidade sexual e, assim, teve como objetivo geral analisar as narrativas de estudantes universitários brasileiros sobre suas vivências de homofobia internalizada, não contendo objetivos específicos. O *corpus* da pesquisa foi analisado a partir da Psicologia Histórico-Cultural,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA
ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

utilizando mais especificamente duas categorias teóricas como crivo interpretativo, a saber: sentido e vivência (Vigotski, 2008).

REFERENCIAL TEÓRICO

Há processos homofóbicos nas relações universitárias, sejam estas entre alunos, alunos e professores e alunos e equipamentos da universidade (Amaral, 2013; Neves *et al.*, 2019; Sampaio; Viana, 2014). De maneira geral, a homofobia diz respeito ao conjunto de comportamentos e emoções que denotam aversão, medo, raiva e ódio em direção a gays e lésbicas (Borrillo, 2015), de maneira que essas respostas podem se manifestar na relação destes com seus pares, isto é, nas relações interpessoais, e/ou no contato que esses indivíduos têm com a cultura como um todo, por meio de mensagens indiretas (Hardin, 2000).

De acordo com Severino e Tavares (2020), a universidade, em seu processo histórico de construção, cumpriu e cumpre os interesses da classe dominante. Conforme explicam os autores, as universidades foram construídas com dois objetivos: 1) afastar o conhecimento das classes populares, de maneira que somente um grupo seleto tivesse acesso a esse espaço; 2) investir na capacitação dos filhos daqueles que detinham domínio político-financeiro. Corroborando com essa exposição, Maldonado-Torres (2016) aponta que a universidade ocidental está baseada em uma estrutura colonial moderna, a saber: a manutenção e o aprofundamento das desigualdades sociais, refletindo as assimetrias originadas nos primeiros processos de conquista, os quais, posteriormente, tornaram-se complexos processos de colonização.

Os jovens universitários se situam na juventude que é caracterizada por uma gama de experiências de desenvolvimento as quais, ainda que tenham características em comum, diferem drasticamente (Trancoso; Oliveira, 2016). Aspectos como raça, classe social e orientação sexual denotam formas diferentes de se viver a juventude (Dias; Silva, 2010). Na verdade, alguns autores (Abramovay, Andrade; Esteves, 2007; Carrano, 2000) sugerem o uso do termo no plural (juventudes) para se referir à pluralidade de elementos psicossociais que promovem guinadas no desenvolvimento do jovem.

Para Vigotski (2006a), em linhas gerais, a juventude se caracteriza como um período do desenvolvimento em que profundas mudanças cognitivo-emocionais se processam na vida do ser humano. O autor revela que, nesse momento do ciclo vital, a forma como pensamos, percebemos e sentimos deixa de ser organizada por conceitos espontâneos, cujo funcionamento reflete uma lógica elementar e não estruturada, e passa a se organizar mediante conceitos científicos, os quais permitem que a pessoa opere relações formais, realizando sínteses e abstrações na sua relação com a realidade. À medida que a consciência do jovem se reorganiza a fim de dar conta dos novos desafios da realidade social, sua vivência também se altera. De acordo com Vigotski (2010), as vivências são as experiências atribuídas de sentido. Elas são produzidas nas relações que os indivíduos estabelecem com o meio físico e simbólico no qual estão inseridos.

Quando se concebe a juventude homossexual no contexto universitário, há presença de elementos psicossociais de violência homofóbica, o que costuma trazer prejuízos sobre os conceitos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

que as pessoas formam sobre si e sobre a vida como um todo, além de afetar também a integridade dos processos afetivo-emocionais (Vigotski, 2004b). Por vezes, conforme estudos retratam (Amaral, 2013; Neves *et al.*, 2019; Sampaio; Viana, 2014), a universidade figura como um *locus* despotencializador das vivências de gays e lésbicas, afetando a forma como esses jovens enxergam a si e a realidade com a qual se relacionam, produzindo medo, ansiedade e desengajamento (Alves *et al.*, 2017; Antônio *et al.*, 2012; Matos *et al.*, 2020).

A homofobia é um processo psicossocial de carácter estrutural, o que significa que ela está presente nas relações sociais (Borrillo, 2015); nesse sentido, é coerente apontarmos sua presença também em espaços educacionais como as universidades. Antônio *et al.*, (2012), por exemplo, relatam que, no contexto universitário, as relações de ensino- aprendizagem são afetadas pela homofobia, no sentido de que heterossexuais com maiores níveis de interiorização de homofobia assistem seu desempenho acadêmico diminuir, e homossexuais, além de sofrerem o mesmo efeito, tornam-se mais propensos à evasão do ensino superior, bem como ao desenvolvimento de transtornos psicológicos nesse contexto. Pesquisas com amostras brasileiras (Ferreira *et al.*, 2013; Marinho *et al.* 2004; Mendes, 2012; Oliveira, 2012) também apontam para essa complicada realidade.

Pensando especificamente sobre os processos de subjetivação de homossexuais na cultura, percebemos que há elementos singulares que perpassam a sua experiência e a sua constituição como sujeitos. Borrillo (2015) fala de uma construção sistemática de discursos e práticas de perseguição e violação contra homossexuais, o que contribuiu para estruturação de uma imagem negativa e depreciada das identidades homossexuais.

Em Psicologia Histórico-Cultural, chamamos de mediadores os elementos presentes nas relações sociais e nos processos sócio-históricos que incidem sobre a forma como percebemos o mundo e nos percebemos. Apropriamo-nos dos mediadores na dinâmica da internalização. Dependendo da natureza do mediador, diferentes são os efeitos sobre o desenvolvimento humano. Em consonância com o que aponta Green (2018), a violência e, aqui em específico, a homofobia se configuram como elementos presentes durante o desenvolvimento de homossexuais. São mediadores que incidem de forma particular sobre a dinâmica psicológica de homossexuais, geralmente contribuindo para o empobrecimento do autoconceito e da vida afetivo-emocional desses sujeitos. Homossexuais se subjetivam na homofobia e a internalizam durante os múltiplos episódios sistemáticos de violência que os atravessam e dos quais não são protegidos.

Às parcelas de homofobia internalizadas por esses sujeitos em direção à sua personalidade, Antunes (2017) denomina homofobia internalizada (HI). Conforme destaca o autor, a HI ecoa sob os mais variados campos da vida de homossexuais, podendo aparecer sob a forma de: autoimagem negativa, dificuldade para estabelecer relações sexuais, problemas com a manutenção de relações afetivas permanentes, bloqueios quanto à exploração do próprio corpo, dentre outras formas de conduta e de comportamento.

A HI tem uma marca eminentemente psicossocial uma vez que se realiza no contato que o sujeito homossexual estabelece com contextos homofóbicos, assimilando ativamente os mediadores aos quais é sistematicamente exposto nas suas relações. Tendo entendido que a internalização é o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

processo de assimilação e de transformação da realidade externa em realidade interna e que a internalização está intimamente conectada com os processos de subjetivação, podemos compreender que existe uma complexa relação de construção de significados e de atribuição de sentidos durante esse processo.

Vigotski (2008) nos mostra que a palavra é a unidade básica da vida consciente, uma vez que congrega em si a evolução das formas psíquicas de vida, permitindo a conversão das funções psicológicas inferiores em superiores. De acordo com Vigotski *et al.* (2005), a palavra traz às funções psicológicas novos elementos funcionais, como a capacidade de síntese, de generalização e de abstração.

Vigotski (2008) entende que a palavra tem basicamente duas dimensões centrais: o significado e o sentido. O significado é a dimensão mais estável da palavra, aquela que se localiza na convenção social da comunidade sobre um dado objeto ou questão, porém, à medida que os processos históricos se operam, os significados podem mudar; o sentido, por sua vez, se expressa como a dimensão mais fluida e pessoal da palavra, diz respeito à maneira como um sujeito específico reveste um objeto ou questão simbolicamente.

Vigotski (2008) explicita ainda que a palavra influencia diretamente a organização de processos psicológicos como pensamento e linguagem, e que isso se dá no nível da formação de conceitos. O autor elenca a formação de conceitos dentre as funções psicológicas superiores, tendo sua expressão máxima a partir da adolescência, por volta dos 13 anos de idade, período em que a capacidade de síntese, abstração e generalização se efetivam sobre os conceitos formados. Agora as formas primitivas de organização dos conceitos, a saber, os conceitos espontâneos, dão lugar às formas superiores e elaboradas: os conceitos científicos.

Contudo, não são somente elementos cognitivos que estão envolvidos na internalização, na formação de conceitos e na organização da palavra, há também as configurações afetivo-emocionais. Vigotski (2004b) entende que as emoções possuem *status* de função psicológica assim como processos tais quais linguagem, memória e atenção. Assim, as emoções também são mediadas pela cultura e são enriquecidas na internalização e na conversão. Nesse sentido, Silva (2021) aponta que os eventos emocionais que atravessamos se constituem em potentes mediadores da nossa vida psíquica, podendo alterar diretamente a nossa relação com o mundo; exemplo disso são as experiências de abandono, de desconfiguração dos vínculos sociofamiliares, de violência física e simbólica por que passam homossexuais (Silva *et al.*, 2021; Mendanha; Bernardes, 2018).

Caminhos afetivo-emocionais também são percorridos na internalização. Cognição e afeto são expressões indivisíveis de uma mesma realidade psíquica. Apoiadas na perspectiva Histórico-Cultural, Solovieva *et al.*, (2019) descrevem que o desenvolvimento humano é marcado por crises, as quais correspondem a períodos em que a consciência se reconfigura tendo em vista as novas necessidades que se impõem na relação do sujeito com o mundo. As autoras mostram que os eventos emocionais afetam diretamente a constituição da personalidade, positivamente ou negativamente, dependendo da natureza do evento emocional. Sobre a personalidade, Leontiev (1978) a define como um sistema de registros das vivências, sendo estas a maneira como eventos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

externos e internos se combinam sob o formato de experiência subjetiva. De acordo com Vigotski (2010), nossa personalidade se forja em conexão com o meio em que estamos inseridos, sendo produzida nos embates e nos obstáculos que se interpõem entre nós e o mundo. O processo de internalização se objetiva no movimento da personalidade e nas vivências, sendo estas o ponto de conexão entre o externo e o interno.

Elementos psicossociais da homofobia, com seus componentes cognitivos e afetivo-emocionais, contribuem para a produção de feridas psicológicas profundas na subjetividade de homossexuais, de forma que atravessamentos bruscos de violência se efetivam sob a forma de homofobia internalizada no campo da personalidade e das vivências de homossexuais, empobrecendo sua vida psíquica e os sentidos produzidos. Os processos de subjetivação e de internalização de homossexuais são marcados por mediadores singulares, como a homofobia. Ela, por sua vez, traz uma série de implicações sobre a saúde psicológica de sujeitos homossexuais, reconfigurando, inclusive, a maneira como se relacionam com o mundo. Objetivando uma descrição mais empírica e qualitativa desse processo, seguimos para a análise das entrevistas e da Dinâmica do Tempo dos interlocutores da pesquisa.

Experiências homofóbicas universitárias acabam contribuindo para o fortalecimento da homofobia em estudantes universitários homossexuais, que, além de terem de lidar com a homofobia direta e indireta do cotidiano heteronormativo, passam a ter de lidar com ela em um ambiente que deveria ser de proteção (Sampaio; Viana, 2014). Diante da necessidade de aprofundamento nessa problemática, este estudo se propõe a lançar contribuições para a compreensão dessa realidade específica, tendo como objetivo compreender as narrativas de jovens universitários sobre as suas vivências promotoras de homofobia internalizada a partir da Psicologia Histórico-Cultural. A seguir, seguem as estratégias metodológicas utilizadas para dar conta das necessidades postas frente à problemática descrita.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma contribuição especificamente qualitativa em Psicologia (Minayo, 1993). E, como tal, privilegia a compreensão das particularidades e das singularidades do processo estudado em detrimento do entendimento das leis gerais do processo em questão (Yin, 2016). Nesse sentido, como estudo qualitativo, dedica-se ao detalhamento da problemática apresentada mediante uma aproximação de carácter intencional do pesquisador em relação ao interesse de pesquisa. Ademais, trata-se de uma pesquisa de campo, tendo sido realizada com interlocutores específicos.

A pesquisa está consubstanciada pelo parecer nº 5.068.667 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e registrada junto à Plataforma Brasil sob o título “Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros”, constituindo-se em um estudo de carácter qualitativo que explora as narrativas de jovens universitários homossexuais brasileiros sobre vivências promotoras de homofobia internalizada.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

A pesquisa de campo implica desafios específicos para a relação do pesquisador com a realidade social, uma vez que o campo se movimenta durante o processo de pesquisa, não sendo controlável; assim, ancorados em Montero (2002), compreendemos que a pesquisa de campo é de natureza dialética, de modo que seus achados são produzidos no diálogo entre pesquisador e realidade, guardando elementos de intencionalidade. No caso deste estudo, a pesquisa foi realizada com quatro interlocutores: jovens universitários homossexuais, três deles sendo jovens gays (idades: 22, 23 e 27 anos) e o último uma jovem lésbica (idade: 23 anos). Os participantes da pesquisa foram contatados por meio da rede social Instagram, através do perfil profissional de um dos pesquisadores, que é voltado para o debate acerca da saúde mental de pessoas LGBTQIA+.

Para efeitos de sigilo de pesquisa, não foram utilizados os nomes dos interlocutores, mas sim pseudônimos escolhidos por eles próprios (a saber: Turing; Anna K.; Lil Na X; e Marsha), bem como não apontaremos as cidades e as universidades onde, respectivamente, moram e estudam, optando por descrições mais amplas como: uma cidade do Sudeste do Brasil ou uma universidade privada do Nordeste do Brasil. Todos os interlocutores se declararam homossexuais, sendo três deles pessoas cisgêneras e um deles uma pessoa trans não-binária.

Turing é um homem gay, casado, de 23 anos, estudante do último período do curso de Psicologia de uma universidade privada do centro-oeste brasileiro. Anna K. é uma mulher lésbica, de 23 anos de idade e atualmente está em um namoro com uma outra jovem; é estudante do 8º semestre do curso de Psicologia de uma universidade privada do centro-oeste do Brasil. Lil Na X é um homem gay, de 22 anos, solteiro e mora em uma cidade do interior do Sudeste brasileiro; está no 5º ano do curso de Engenharia Ambiental de uma instituição pública de sua cidade. Por fim, Marsha é uma pessoa não-binária, autodeclarada gay, de 27 anos de idade. Marsha já é licenciada em Letras e atua como professor. Atualmente, está entre o 3º e o 4º ano do curso de Psicologia de uma universidade privada do Sudeste brasileiro.

Durante o mês de novembro de 2021, foi realizado um *post* na rede social do pesquisador convidando jovens universitários brasileiros a participarem da pesquisa, de modo que ao convite foram obtidas 04 (quatro) respostas afirmativas.

A partir do interesse dos possíveis participantes, entramos em contato com cada um(a) através do canal de mensagens do Instagram, o *inbox*. A esse contato inicial, responderam os 04 participantes, ao passo que solicitamos o *e-mail* de cada um(a) a fim de enviarmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCE). Após a assinatura do TCE e do seu recebimento por parte do pesquisador, foram marcadas as entrevistas, as quais foram realizadas por meio da plataforma Zoom, sendo, com o consentimento dos participantes de pesquisa, gravadas e, depois transcritas.

Para a entrevista, realizamos, além do momento inicial de *rapport*, a aplicação de um instrumento: a Dinâmica do Tempo. Esta, de acordo com Lima e Oliveira Neto (2020), trata-se de um recurso clínico da Psicologia Histórico- Cultural o qual permite a construção de uma sucessão (nem sempre linear) dos eventos significativos (positivos e negativos) da história de vida (ciclo vital ou ontogênese) da pessoa. Um aspecto interessante da Dinâmica do Tempo é que ela pode ser adaptada para a compreensão de um processo específico, não devendo necessariamente se referir ao fluxo da



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

história de vida como um todo. No caso deste estudo, aplicamo-la no sentido de compreender os eventos possivelmente ligados à promoção de homofobia internalizada entre os jovens universitários interlocutores desta pesquisa.

No que diz respeito à análise das entrevistas e da Dinâmica do Tempo, a Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski foi utilizada como referencial de leitura dos achados da pesquisa. Nesse sentido, em uma compreensão de que o psiquismo humano é forjado no seio das relações sociais, as quais complexificam nossas funções psicológicas, alterando a forma como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos, duas categorias teóricas da teoria de Vigotski serão centrais durante a interpretação do *corpus* da pesquisa; a saber: sentido e vivência (Toassa, 2009; Vigotski, 1994; 2006b; 2008). Entretanto, antes de passarmos às análises, cabem algumas relações quanto à forma como a homofobia internalizada pode ser entendida a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência de homofobia internalizada em jovens universitários brasileiros

De acordo com Vigotski (2010), a vivência é a unidade que melhor expressa a relação da pessoa com o meio, pois ela aponta para o movimento de síntese entre ser humano e o meio. Para o autor bielorrusso, o meio abarca os aspectos físicos e simbólicos com os quais interagimos, de modo que, na interpessoalidade, vamos nos construindo gradativamente como pessoa. Para Toassa (2009), a vivência é o próprio movimento de subjetivação e de formação da personalidade.

No caso de gays e lésbicas, inclusive universitários, como já denotamos, a vivência acontece sob e atravessada por uma plataforma homofóbica (Ferreira *et al.*, 2013; Marinho *et al.*, 2004; Mendes, 2012; Oliveira, 2012). Assim, a maneira como homossexuais se desenvolvem afeta a vivência desse grupo, trazendo implicações, por vezes despotencializadoras, sobre a forma como se portam frente à realidade, o que pode ser observado no relato de Anna K. quando, em sua Dinâmica do Tempo, comenta sobre o sentimento de segurança no contexto universitário:

Acho que seguro não, mas eles vivem um processo de menos estranhamento e, por exemplo, eu não sei se eu me sinto sempre segura na sala de aula para falar tudo, mas eu também já não sinto mais esse medo de que se caso tem alguém lá perdido que vá se sentir ofendido, que vai falar alguma atrocidade... Eu já não tenho mais esse medo. Mas sei que é muito provável que aconteça comentários homofóbicos, perguntas que você pensa: – Meu Deus por que eu estou passando por isso? (Anna K., 23 anos, estudante de Psicologia).

Para Vigotski (2006b), a vivência não é algo abstrato. O autor coloca que a subjetividade só pode ser pensada na sua relação com a realidade concreta, a qual possui uma história; assim, é correto pensarmos os impactos da homofobia sobre estudantes universitários a partir do entendimento de que, historicamente, a homofobia se enraiza no tecido social, inclusive em espaços educacionais como as universidades (Dinis, 2011). No caso da Dinâmica do Tempo de Anna K., ela analisa que, apesar de se sentir, no geral, protegida dentro do ambiente da sala de aula do curso de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Psicologia, tem a sensação de que, a qualquer momento, poderá precisar ter de lidar com algum comentário homofóbico.

De acordo com Hardin (2000) e Antunes (2017), a exposição sistemática a mensagens homofóbicas contribui para com que gays e lésbicas sintam, na maior parte do tempo, que estão em perigo, o que, de acordo com Ceará e Dalgarrondo (2010), constitui-se em um dos fatores de risco para a produção de transtornos ansiosos e depressivos entre a população homossexual. O relato de Turing sobre sua vivência enquanto um homem gay na universidade corrobora para com a discussão realizada:

Por volta do quinto semestre teve algo que não aconteceu comigo, mas com meu marido. Logo, me impacta diretamente. Essas mesmas pessoas que estavam no fundão comentando, dessa vez estavam saindo da sala, mas o meu marido estava esperando uma colega nossa que ia junto com a gente para parada de ônibus. Ele estava na porta, encostado, e essas pessoas elas falaram mais ou menos assim: — Olha aquele lá, eu nem vou passar perto desse tipo de gente. Então, eles não saíram da sala porque ele estava na porta e, Assim que meu marido saiu, eles saíram da sala também. Então teve essa questão de que eles não quiseram nem passar perto dele justamente por ser gay... E aí já vem toda a questão de estresse de minorias (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Turing nos lembra de um componente presente na experiência de gays e lésbicas: o estresse minoritário. Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos (2020) definem o estresse minoritário como um conjunto de fatores psicossociais aos quais minorias sociais (pessoas LGBTQIA+, mulheres, negros, indígenas etc.) estão expostas; dentre esses fatores, destacam os autores, está a homofobia internalizada, a qual se manifesta como as parcelas interiorizadas da violência homofóbica por parte de gays e lésbicas em sua relação com o cenário social (Pereira; Leal, 2002; 2005).

Algumas pesquisas apontam que a homofobia internalizada costuma ser um mediador das relações desenvolvidas por homossexuais. Em termos histórico-culturais, mediação significa a interposição de um elo intermediário entre pessoa e mundo, como lentes mediante as quais passamos a nos enxergar, enxergar o mundo, bem com as relações nas quais estamos implicados (Zanella, 1994). Vigotski (2016) amplia essa compreensão quando nos explica que a mediação diferencia a experiência humana das demais; uma vez que, para o autor, sendo seres ontologicamente sociais, não é possível pensar em humanidade fora da mediação da cultura e da linguagem. No caso de gays e lésbicas, a mediação cultural também aparece carregada pela homofobia e pela homofobia internalizada.

Ao contrário do que a literatura tradicional aponta sobre mediação, Oliveira Neto e Lima (2020) explicam que nem sempre ela tem um carácter apaziguador; na verdade, mediar significa a intermediação do psiquismo por novos elementos presentes na cultura. Caso, conforme apontam os autores, esses elementos sejam patológicos – como a homofobia, por exemplo –, a qualidade da mediação é despotencializadora. Um exemplo desse tipo de ação mediadora é quando, em sua Dinâmica do Tempo, Lil Na X reconhece que, no trato com seus pares universitários, costuma se sentir rejeitado e discriminado tendo em vista a homofobia:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Acho que um pouco, pois em diversos momentos, por exemplo, quando tinha alguma festa na faculdade, se fosse para contar com a minha presença as pessoas me procuravam, mas se fosse algo mais sério como estudar ninguém me procurava. De certa forma me contatava apenas quando percebiam que teriam vantagem com isso, por exemplo, caso eu estivesse mais avançado em alguns tópicos da matéria. Mas depois ninguém procurava... Como: - Ah! Vamos resolver uma lista de exercícios juntos? E isso acontece até hoje próximo de concluir o curso (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

No caso de Lil Na X, há também o reconhecimento, em seu relato de experiência com a universidade, que algumas pessoas não se sentem confortáveis em seres vistas/percebidas publicamente com ele:

Na minha turma tinham dois rapazes bissexuais, mas eles não demonstravam isso. Tanto que um deles faz *bullying* comigo por eu ser abertamente homossexual e o outro sempre foi super tranquilo, inclusive até ficamos uma vez, mas tinha que ser algo escondido, pois ele tinha receio das reações de outras pessoas – porque poderiam perseguir ele por ter beijado outro menino ainda mais na faculdade. Então, não são pessoas que expõem isso. O que é totalmente respeitável e entendível. Mas acho que da minha sala a única pessoa com uma orientação sexual diferente de heterossexual... as pessoas olhariam para mim de alguma forma. [...] parece que às vezes me enxergam como uma pessoa “descomportada”: que fala alto o tempo todo, leva tudo na brincadeira e eu vejo que tem gente com um viés muito mais sério. (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Apesar de, como mostra o relato, Lil Na X não ter completa consciência sobre os elementos homofóbicos com os quais lida, um de nossos interlocutores de pesquisa, Turing, retrata de modo mais consciente um episódio que ilustra como a homofobia, em sua manifestação estrutural, coloca-se como um elemento mediador das relações de gays e lésbicas na universidade, prejudicando sua vivência acadêmica e aprofundando muitos estigmas internalizados ao longo de sua experiência de vida:

Antes aconteciam coisas que eu não percebia como discriminação, por exemplo, eu e meu marido nos conhecemos nas primeiras aulas da graduação em psicologia e estamos juntos até hoje. Ele relatava olhares, comentando... mesmo que nossa sala tivesse muito público LGBT, existiam pessoas também que não eram parte do público LGBT. Eles faziam essa discriminação velada de não de chegar e cometer um ato agressivo, mas sim aquela agressividade velada com um olhar, um comentário no fundo da sala, algo do tipo. Eu não percebia isso e hoje eu vejo meu marido me falando eu fico percebendo: — Nossa é mesmo né? Isso acontecia. Na última vez que ela falou alguma coisa em relação à discriminação - não vou lembrar exatamente o que é que era- eu infelizmente tava lavando roupa e meu marido estava na supervisão e ele foi lá e bateu de frente. Falou com ela e educou. Mudou? Não, não vai mudar a pessoa porque muitas vezes isso é do caráter, mas pelo menos a gente educa a pessoa um pouquinho em relação a isso. (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Algumas pesquisas discutem que a ausência de políticas de educação que estimulem maior conhecimento por parte do *corpus* universitário sobre diversidade sexual podem contribuir para posturas de menor abertura quanto às vivências gays e lésbicas no contexto universitário (Campos, 2015; Sartori, 2021; Silva, 2011). Ancorados em Louro (2014), lembramos que falar sobre educação é apontar para a sexualidade humana, uma vez que o indivíduo que aprende é também o indivíduo da sexualidade; assim, retirar de gays e lésbicas a liberdade de expressarem seus afetos, o que está exemplificado no último relato de Turing, é retirar-lhe uma parte integrante da vida. Vigotski (2005),



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

ainda na primeira metade do século XX, já apontava para o fato de que aspectos ligados à sexualidade também precisam ser de interesse da educação, caso contrário sua intervenção educacional será incompleta.

Como já mencionado, Vigotski e Luria (1996) explicam que a atividade humana, incluindo-se nela o comportamento humano, é constituída por quatro níveis *genéticos* (no sentido de *raiz*, de *gênese*). Os dois primeiros níveis são compartilhados pela humanidade com outras espécies, são eles: a filogênese (a herança anátomo-fisiológica) e a ontogênese (o ciclo vital desempenhado por todo organismo vivo). Em contrapartida, os dois últimos são fruto do processo evolutivo que somente a humanidade percorreu, sendo eles: a sociogênese (a história das relações sociais de produção de um povo em um contexto e em um determinado tempo histórico) e a microgênese (a produção de sentidos). Para os autores, cada um desses níveis implica em mudanças na dinâmica da atividade e do comportamento.

A microgênese é o nível genético que tem uma relação mais estreita com as vivências. Toassa (2009) explica que, no original russo, vivência (*perejivânie*) tem conotação de *movimento*. Nessa compreensão, a autora sugere até que utilizemos o termo *vivenciamento* ao invés de vivência, a fim de dar destaque ao carácter processual da construção das vivências. Pensando que as vivências se produzem em meio à transformação que cada ser humano efetua em sua relação com a realidade, gays e lésbicas que encontram elementos mediadores de homofobia no contexto universitário acabam por se relacionar com ela de forma reificada, alienada (Okita, 2015). Um exemplo disso é um relato feito por Lil Na X em sua Dinâmica do Tempo ao ser indagado sobre como é ser um estudante gay em uma universidade brasileira:

Eu não posso falar que é extremamente difícil. Até porque eu tive acesso a muitas coisas, meus pais sempre me incentivaram a estudar. Então, ingressar na faculdade não foi algo com muitos obstáculos. Mas acho que a carga psicológica de estar dentro de um ambiente como a universidade por si só já é densa. Principalmente para mim que concluí o ensino médio e, em seguida, ingressei na faculdade e por às vezes não sentir que existam pessoas que se assemelham a mim de alguma forma. Isso é triste até para construção de laços, de entendimento em várias nuances dentro da faculdade (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Ora, a literatura aponta elementos psicossociais vulnerabilizadores da vivência de gays e lésbicas na universidade (Ferreira *et al*, 2013; Marinho *et al*, 2004; Mendes, 2012; Oliveira, 2012), é muito provável que essa percepção esteja alicerçada no afastamento emocional que a homofobia provoca naquele(a) que a sofre em sua relação com o mundo. Entretanto, a vivência entra no campo da singularidade (Toassa, 2009); assim, a depender dos elementos mediadores dos quais um(a) estudante homossexual dispõe, sua existência poderá ser potencializada e acolhida ou não (Alves *et al*, 2017, Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos, 2020; Lozano-Verduzco, Fernández-Niño e Baruch-Domínguez, 2017).

Em uma mirada histórico-cultural, Fleer, González-Rey e Veresov (2017) reiteram que a vivência se dá na vida concreta, ou seja, contextualizada em cada processo psicossocial em que estamos inseridos. Para uma ilustração do conceito de vivência em Vigotski, imaginemos dois carros indo de encontro um ao outro: um dos carros é o meio; o outro é o ser humano; assim como os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

carros estão em movimento, meio e pessoa também, nenhum deles é estático. Quando eles se encontram, acontece uma colisão, cujo resultado pode se expressar nas faíscas, na destruição dos carros, nos ferimentos das pessoas envolvidas na colisão etc. As vivências são os frutos dessa colisão, os frutos desse impacto, os possíveis resultados.

No caso de gays e lésbicas universitários, elementos homofóbicos colidem com essas pessoas, produzindo ecos já discutidos pela literatura especializada (Ferreira *et al*, 2013; Marinho *et al*, 2004; Mendes, 2012; Oliveira, 2012). Dentre esses ecos, destacamos a estigmatização do(a) estudante homossexual por parte dos pares universitários e dos professores, o desengajamento da relação de ensino-aprendizagem, bem como a sensação de insegurança dentro do contexto universitário. Para ilustração das implicações psicossociais da homofobia e o seu papel na promoção de homofobia internalizada, segue um relato da Dinâmica do Tempo de Anna K:

Uma coisa que percebo é uma questão super compensatória da inteligência. No início era comum demais as pessoas duvidarem da minha capacidade intelectual pela minha orientação sexual. Teve uma professora que eu admirei muito e ela por estar passando por esse processo de perceber que as pessoas achavam que se você fala que fica com mulher parece que é uma “desvalidação” como se não vamos escutar nada a partir daí, ou fica parado, chocado com a informação ou que nada que falar depois é interessante. É igual posicionamento político como alguém dizer que é bolsanarista, já não dar pra escutar, deve ser algum m. Então acho que as pessoas fazem muito isso em relação à sexualidade (Anna K., 23 anos, estudante de Psicologia).

Dafermos (2018) e Vigotski (2010) destacam que as vivências correspondem à produção da subjetividade e da personalidade, apresentando-se como a experiência revestida de sentido, os quais podem ser saudáveis ou patológicos, correspondendo, assim, a uma dinâmica de vida mais ou menos saudável. Nesse fluxo, caminhando para a compreensão do papel dos sentidos no desenvolvimento de gays e lésbicas universitários, passamos à análise dos sentidos produzidos por jovens homossexuais brasileiros na universidade.

Os sentidos produzidos por jovens homossexuais brasileiros na universidade

De acordo com Vigotski (2008), a palavra é o microcosmo da consciência humana, ou seja, a menor unidade do psiquismo capaz de sintetizar a evolução da história da humanidade, uma vez que a palavra é o reflexo das conquistas filogenéticas, ontogenéticas e socio genéticas da espécie. Analisando a arena da palavra, conforme o autor, esta possui basicamente duas dimensões: uma mais estável, chamada de significado, representando os acordos sociais em torno de um objeto, processo ou fenômeno; e outra mais instável, o sentido, o qual diz respeito à produção microgenética de cada ser humano.

Os sentidos refletem os processos vivenciais – portanto, singulares – de cada indivíduo, abrindo-nos a possibilidade de compreensão aprofundada da personalidade de cada ser humano (Delari Júnior, 2013). Em sua relação com a realidade, o ser humano atribui sentido ao mundo e a sua própria experiência, tonalizando as relações intra e interpessoais com o colorido das emoções e da subjetividade (Vigotski, 2010). Assim, nos sentidos, nós seres humanos podemos experienciar a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

possibilidade de ir para além dos limites do determinismo, existindo com liberdade em nossa relação com o meio (Toassa, 2004).

Nesse esteio de compreensão, apontamos para o fato de que os sentidos produzidos por gays e lésbicas em sua relação com o contexto universitário são embebidos por fatores mediadores despotencializadores da vivência universitária ligados à homofobia e à homofobia internalizada. Corroborando com essa ideia, Guimarães (2009) sinaliza que a experiência de homofobia costuma implicar em uma visão negativa da pessoa homossexual sobre si mesma e sobre as possibilidades de vida que pode ter, levando esse indivíduo a acreditar, por exemplo, que não conseguirá ter um relacionamento afetivo-amoroso feliz, que não terá sucesso profissional etc. (Hardin, 2000).

Nesse sentido, a experiência universitária aprofunda a homofobia internalizada desenvolvida ao longo da vida de gays e lésbicas universitários (Blais; Gervais; Hébert, 2014). Gays e lésbicas, na universidade, estão propensos a ter que lidar com a homofobia na relação com seus pares, afetando a produção de sentidos saudáveis. Retomando as vivências que apareceram na técnica da Dinâmica do Tempo, Turing também ilustra a forma como um cenário universitário homofóbico pode contribuir para a produção de sentidos não saudáveis:

[...] E aí já vem toda a questão de estresse de minorias. A gente já fica tão chateado na próxima supervisão já tem essa expectativa que ela fale alguma coisa e aí você fica a semana inteira pensando no que falar para conseguir debater com ela. Isso também se configura como um estresse porque a gente não precisaria disso. Uma pessoa heterossexual não precisa se preocupar com que ela vai falar na supervisão em relação a debater com outra pessoa sobre sua sexualidade, não acontece, mas com a gente acontece e acaba que o meu marido já tem um ódio enorme por essa mulher. Apenas dela está na supervisão ele já fica chateado, o humor dele já baixa porque tem ela falando essas coisas (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Turing, em sua Dinâmica do Tempo, revela que ser um homem gay no cenário universitário traz desafios peculiares, uma vez que, em sua vivência, gays e lésbicas estão submetidos a situações de estresse a que seus pares heterossexuais não estão, o que passa a mediar as relações que homossexuais têm dentro desse contexto, contribuindo para a produção de sentidos não saudáveis sobre sua própria identidade sexual. Como expresse, nem sempre o processo de atribuição de sentidos será potencializador de elementos mediadores de saúde; antes, alguns processos psicossociais apontam para a potencialização de sentidos adoecidos, reflexos de uma atividade adoecida.

De acordo com Leontiev (1978), a atividade é o movimento de transformação intencional da realidade por parte do ser humano, de maneira que, ao transformar o mundo, a pessoa é transformada também, estabelecendo-se uma relação dialética entre pessoa e meio. Para o autor, é a atividade que nos diferencia das demais espécies. Ela tem sempre um fundo volitivo-motivacional, o que significa que tenta satisfazer necessidades. Entretanto, algumas situações específicas de desenvolvimento, contribuem para o adoecimento das necessidades e dos motivos sobre os quais a atividade humana está alicerçada.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Quando esse movimento se efetiva, a atividade se torna patológica, não correspondendo a necessidades e motivos saudáveis (Silva, 2021). Nesse ínterim, se a atividade se tornar adoecida, os sentidos também se manifestarão adoecidos, pois eles se formam no curso da nossa atividade, ou seja, no movimento de transformação pessoa-meio (Vigotski, 2010). Quando tratamos sobre o processo de atribuição de sentidos por gays e lésbicas no contexto universitário devemos lembrar que a atividade de estudo e de se relacionar interpessoalmente pode se apresentar mediada por componentes estressores como a homofobia nas suas mais diversas formas de manifestação, contribuindo para o aumento dos níveis de homofobia internalizada (Leal, 2002; 2005).

De acordo com Pereira, Varela e Silveira (2015), cenas de *bullying* homofóbico em contextos educacionais costumam contribuir para um desengajamento do estudante frente às atividades acadêmicas, facilitando que haja maior evasão escolar, bem como menor identificação (atribuição saudável de sentidos) com o espaço em questão. Nesse sentido, um de nossos interlocutores, Marsha, explica-nos como elementos adoecedores da dinâmica subjetiva de estudantes homossexuais se manifestam no cenário cotidiano da universidade, citando eventos por ele percebidos como homofóbicos na universidade onde estuda:

Uma vez, uma professora de letras olhou para mim na frente da sala. Era uma sala pequena de 10 pessoas, e disse: — É um desperdício você ser gay porque as mulheres poderiam... Você é tão bonito e as mulheres poderiam... Enfim... Ela falou isso na frente de várias pessoas, ela chegou a falar na frente da minha antiga orientadora de letras, a minha orientadora ficou extremamente desconfortável com isso e eu diante dessa situação, dessa violência porque que eu considere isso uma violência, apesar de eu conseguir confrontar... Há certas violências que a gente realmente fica estagnada que a gente não consegue a gente se pergunta: — Isso está acontecendo mesmo em um ambiente universitário? Isso partiu mesmo da professora para mim? (Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

Em sua Dinâmica do Tempo, Marsha evidencia uma outra faceta da violência homofóbica universitária que afeta o processo de produção e atribuição de sentidos: a homofobia por parte de professores. Estudos relatam muitos temores e receios possuídos por gays e lésbicas universitários com relação à forma como seus professores irão lidar com sua orientação afetivo- sexual (Mendes, 2012; Oliveira, 2012), o que pode, como no relato já descrito de Anna K., contribuir para uma postura de ocultação da própria sexualidade na tentativa de evitar, por exemplo, que não seja estigmatizada como uma aluna menos competente.

Zeigarnik (1979), psicóloga lituana continuadora da obra de L. S. Vigotski e responsável pelo maior fomento da compreensão de adoecimento na abordagem, explica que o adoecimento psíquico se produz dentro de uma situação social de desenvolvimento. Assim, a depender de como o cenário se configura, determinados arranjos psíquicos são mais ou menos presentes. Vigotski (1999) retrata que nossos processos cognitivos e afetivos se produzem em articulação com o cenário e na relação com os personagens presentes nesse cenário, o qual é marcado por elementos contraditórios.

De acordo com Zeigarnik (1988), no adoecimento psíquico ou em situações de sofrimento mais pontuais, experimentamos a desorganização da nossa consciência. Sobre ela, Luria (1981)



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

explica que nosso psiquismo é composto por funções psicológicas as quais funcionam de forma hierárquica, dinâmica e integrada; assim, caso experimentemos a desagregação de um processo psicológico, os demais também, em certa medida, serão comprometidos. Retomando Zeigarnik (1979), essa desagregação afeta a nossa atividade, alterando a hierarquia dos motivos e das necessidades e, portanto, a produção de sentidos saudáveis.

Quando falamos do desenvolvimento de gays e lésbicas dentro de uma sociedade heterossexista, devemos olhar necessariamente para os efeitos deletérios da homofobia sobre a saúde desse grupo, inclusive dentro do contexto universitário, tendo em vista que este tem se apresentado um cenário de risco para a produção de homofobia internalizada (Albuquerque; Williams, 2015; Cerqueira, Azevedo; Ramos, 2020). Um dos relatos presentes na Dinâmica do Tempo de Lil Na X ilustra essa dinâmica de adoecimento mediada pela homofobia.

[...] Por exemplo: quando uma menina queria um amigo gay para parecer descolada eu era aceito, mas em outras situações nem tanto. Sim, quando não era uma coisa ligada a parte acadêmica, de estudos, uma amiga minha recorria a mim convidando para ir a festas e quando eu a procurava para fazer grupos de estudos ela dizia que já tinha. Teve situações que eu fui retirado do grupo dela sem ser informado. Esses certos boicotes por parte dela e outras pessoas foi muito significativo, pois eu acabava restando principalmente em atividades em grupo. [...] Em momentos que eu estava muito descarregado emocionalmente, por vezes eu faltava com mais frequência. Eu sentava para estudar e não conseguia focar, estudava para as provas e tinha crises de ansiedade. Das 8 horas que precisamos dormir por dia, ficava 6h acordado durante a noite e no dia seguinte ter provas finais... Então, isso sempre me prendeu muito na questão do desenvolvimento e eu sempre pensava que esse momento fosse chegar e geralmente era quando as coisas acirravam como em períodos de encerramento de notas, semestre... muitas vezes eu eu desaparecia da faculdade ou chegava muito atrasado, parecendo um “caco” dentro da sala de aula e foi assim por um bom tempo (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Em conformidade com Almeida (2018), os sentidos patológicos são resultado de processos de alteração da natureza da atividade humana. Assim, explica a autora, que, quando a atividade, seja ela qual for, não contribuir para transformação e apropriação consciente da realidade, tomará configurações adoecidas. Nesse sentido, apontamos para o fato de que a homofobia promove arranjos emocionais despotencializadores da dinâmica psíquica de jovens universitários homossexuais, aumentando a presença de sentimentos como medo, ansiedade, isolamento social, desproteção, dentre outros, como também pode ser observado na Dinâmica do Tempo de Marsha, quando narra como é ser homossexual em uma universidade brasileira:

Existem dias que eu consigo ir maquiada e, caso alguém fale algo, nem ouço e está tudo bem, mas há dias que se eu for minimamente maquiada e uma pessoa olhar um pouco estranho para mim isso já me desmorona e eu não tenho condições de ficar naquele ambiente, pois eu começo a me sentir incomodado. [...] Então, eu vou maquiada, mas sempre que eu saio de casa é sabendo que tudo pode acontecer. Logo, eu vou preparado para isso. E como eu disse, depende do dia. Tem dia que eu posso sair maquiado e nem perceber se alguém olhou estranho para mim ou não ou de alguma forma diferente e tem dia que cada olhar parece que é para mim, acho que é uma defesa natural de uma pessoa LGBT, principalmente da pessoa que é afeminado ou que usa dessa performatividade feminina (Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Entretanto, cabe notar que a universidade também pode se configurar em um ambiente de proteção, estimulando o desenvolvimento integral de estudantes homossexuais nesse contexto. Dinis (2011) aponta que ambientes educacionais, quando organizados para terem maior abertura e maior veiculação de conhecimento quanto à diversidade sexual, podem ser um ambiente protetor e estimulante para o desenvolvimento pessoal de gays e lésbicas. Nesse sentido, estudos apontam ser fundamental que políticas educacionais nacionais e locais viabilizem a implementação de ações em diversidade sexual que sensibilizem a comunidade acadêmica para a temática. Corroborando com essa perspectiva, um elemento da Dinâmica do Tempo de Turing:

Se tivesse uma matéria no início da faculdade ou no meio apenas para falar sobre acolhimento de minorias sociais como pessoa indígena, pretas, LGBTQIA+... Se tivesse essa matéria pelo menos para conscientizar as pessoas e quebrar algumas barreiras porque existem algumas pessoas que estão com um pé aqui e outro lá e elas de certa forma podem ser conscientizadas (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Nesse cenário, uma universidade com mais conhecimento sobre diversidade sexual é também uma universidade que facilita o engajamento e a permanência de gays e lésbicas nesse espaço. Sobre o assunto, Paveltchuk e Borsa (2019) chamam de conectividade comunitária a experiência de percepção de que temos laços sociais recíprocos em relação a um grupo ou ambiente do qual fazemos parte, o que pode contribuir para bem-estar, engajamento social e posturas de enfrentamento da violência. De acordo com os autores, quanto maiores forem os níveis de conectividade comunitária, menores serão os níveis de homofobia internalizada. Assim, relações de engajamento comunitário podem contribuir para uma produção saudável da atividade e dos sentidos de jovens universitários homossexuais. Por fim, para ilustrar o papel de intervenções que aprofundem relações potencializadoras para gays e lésbicas no contexto universitário, Marsha, ao falar sobre a sensação de segurança no contexto universitário, afirma que:

[...] têm amigas que me auxiliam nessa proteção e que, de certa forma, protegem. A universidade em si, não sinto, não é que a universidade também vai estar conivente com alguma forma de preconceito, LGBTfobia, mas eu não sinto uma prática, uma política voltada para o conhecimento e reconhecimento de pessoas LGBT tanto que como eu disse ainda existem docentes que usam do termo homossexualismo. (Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

Narrativas sobre como gays e lésbicas vivenciam o ambiente universitários apontam para a urgência e a necessidade de serem pensadas estratégias que, em primeiro plano, combate os elementos de violência presentes e já identificados e, em segundo plano, promovam um contexto poroso à diversidade sexual a fim de que pessoas homossexuais se desenvolvam saudavelmente em sua relação com a universidade, seja no contato com seus pares, professores ou equipamentos da instituição.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

CONSIDERAÇÕES

A experiência de jovens homossexuais brasileiros universitários é eminentemente marcada por elementos psicossociais de homofobia, os quais contribuem para maiores índices de homofobia internalizada entre esse público. Nesse contexto de produção de violência, jovens homossexuais universitários podem ficar à mercê de ambientes acadêmicos que não contam com uma estrutura adequada para seu acolhimento. Nesse esteio de contribuições, apontamos também para o fato de que a Psicologia Histórico-Cultural se apresenta como uma teoria alternativa para as leituras abstratas e descontextualizadas presentes na análise de estudos sobre homofobia internalizada no contexto universitário. Por fim, consideramos importante que futuros estudos sobre homofobia internalizada em jovens universitários brasileiros investiguem, com delineamentos quantitativos, a manifestação desse processo, objetivando, para além de descrever as particularidades e as singularidades, investigar os componentes compartilhados pelo grupo em questão. Do mesmo modo, acreditamos que estudos qualitativos e quantitativos que triangulem mais de uma estratégia metodológica possam contribuir para um entendimento mais integral das facetas da homofobia internalizada entre jovens universitários brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154580>
- ABRANTES, Angelo Antonio; EIDT, Nadia Mara. Psicologia histórico-cultural e a atividade dominante como mediação que forma e se transforma: contradições e crises na periodização do desenvolvimento psíquico. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S. l.], p. 1-36, 2019.
- ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 663- 676, 2015.
- ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. **A formação social dos transtornos de humor**. 2018. 416f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual Paulista, “Júlia de Mesquita Filho”, Botucatu, 2018.
- ALVES, Raquel Ávila Kepler *et al.* Alterando crenças centrais: um relato de caso de homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 12-19, 2017.
- AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Revista Teoria & Sociedade**, 2013.
- ANTÔNIO, Raquel. *et al.* Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. **Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal**, [S. l.], n. 1, p. 17-32, 2012.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. São Paulo: Annablume, 2017.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

BLAIS, Martin; GERVAIS, Jesse; HÉBERT, Martine. Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada). **Ciência & saúde coletiva**, [S. l.], v. 19, p. 727-735, 2014.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. A constituição social do desenvolvimento. **Revista Educação. História da Pedagogia**, [S. l.], v. 2, 2010.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 1-4, 2015.

CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento-Revista de Educação**, 2000.

CEARÁ, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 118-123, 2010.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; AZEVEDO, Hanna Valença Pereira; RAMOS, Mozer de Miranda. Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 7-21, 2020.

DAFERMOS, Manolis. **Rethinking cultural-historical theory: a dialectical perspective to Vygotsky**. Texas: Springer, 2018.

DELARI JÚNIOR, Achilles. **Consciência, linguagem e subjetividade**. Campinas: Alínea, 2013.

DIAS, Fernanda Vasconcelos; SILVA, Natalino Neves da. Juventude e relações étnicas- raciais. **Presença Pedagógica**, [S. l.], v. 16, n. 96, 2010.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em revista**, [S. l.], n. 39, p. 39-50, 2011.

ENGELS, Friederich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, [S. l.], v. 4, n. 4, 2009.

FERREIRA, Ciro Fernandes de *et al.* Homofobia entre estudantes universitários. **Psicologia.pt: o portal dos psicólogos**, 2013.

FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, F; VERESOV, Nikolai. **Perezhivanie, emotions and subjectivity**. Singapore: Springer, 2017.

GREEN, James N. **História do movimento LGBT no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009.

HARDIN, Kimeron N. **Auto-estima para homossexuais: um guia para o amor-próprio**. São Paulo: Edicoes GLS, 2000.

LEONTIEV, Alexei Nicolaevich. O homem e a cultura. *In*: LEONTIEV, Alexei Nicolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978, p. 259-284.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

LOZANO-VERDUZCO, Ignacio; FERNÁNDEZ-NIÑO, Julián Alfredo; BARUCH-DOMÍNGUEZ, Ricardo. Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City. **Salud Mental**, [S. l.], v. 40, n. 5, p. 219-225, 2017.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: USP, 1981.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, v. 31, p.75-97, 2016.

MARINHO, Carla de A. *et al.* Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, p. 371-379, 2004.

MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.

MATOS, Vitor José Araujo *et al.* Bullying, preconceito e autoestima: discutindo as principais relações e distinções. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 38, n. 102, p. 647-668, 2020.

MENDANHA, Ana Cláudia Tibães; BERNARDES, Luiz Antonio. Transtorno de ansiedade social e a não aceitação da homossexualidade: revisão narrativa. **PUCMINAS**, [S. l.], v. 3, p. 133-52, 2018.

MENDES, Thiago Meneses de Castro. **A homofobia na Universidade de Brasília: discriminação, expressões e representações entre estudantes**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, [S. l.], v. 9, p. 237-248, 1993.

MONTERO, Maritza. Construcción del otro, liberación de sí mismo. **Utopía y praxis latinoamericana: revista internacional de filosofía iberoamericana y teoría social**, n. 16, p. 41-52, 2002.

NEVES, Sofia *et al.* Bullying homofóbico: Crenças e práticas de estudantes do Ensino Superior em Portugal. **Psicologia**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 47-59, 2019.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. São Paulo: Sundermann, 2015.

OLIVEIRA NETO, José da Silva; LIMA, Ana Ignez Belém. A clínica histórico-cultural com adultos: desafios e descobertas. *In*: LIMA, Ana Ignez Belém. **Cartas para Vigotski: ensaios em Psicologia clínica Histórico-Cultural**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

OLIVEIRA, Luana Lima de. **Homofobia e gestão da diversidade na Universidade de Brasília**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Universitária) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PAVELTCHUK, Fernanda Oliveira de; BORSA, Juliane Callegaro. Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. **Avances en Psicología Latinoamericana**, [S.l.], v.37, n.1, p. 7-61, 2019.

PEREIRA, Graziela Raupp; VARELA, Cristina Monteggia; SILVEIRA, Guilherme Pereira. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1489-1506, 2015.

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. **Análise Psicológica**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 107-113, 2002.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. Medindo a homofobia internalizada: a validação de um instrumento. **Análise Psicológica**, v. 23, n. 3, p. 323-328, 2005.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Tradução de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. São Paulo: Autores Associados, 2021.

SAMPAIO, Mylla Maria Sousa; VIANA, Thiago G. A LGBTIfobia na Universidade: algo cheira a podre no reino da Dinamarca. **Revista Três Pontos**, 2014.

SARTORI, Thiago Luiz. Políticas Públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 3, p. e335484-e335484, 2021.

SEVERINO, Antonio Joaquim; TAVARES, Manuel. Por um projeto insurgente e resistente de decolonialidade da universidade latino-americana. **Revista Lusófona de Educação**, v. 48, n. 48, 2020.

SILVA, Alessandro Soares da. Políticas públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 58-72, 2011.

SILVA, Flávia Gonçalves da. O adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: a patopsicologia. **Interação em Psicologia**, v. 25, n. 2, 2021.

SILVA, Jeferson Neri da. *et al.* A construção das identidades LGBT+ como desviantes: uma análise da (re) patologização da homossexualidade no Brasil. **InterSciencePlace**, v. 16, n. 1, 2021.

SOLOVIEVA, Yulia *et al.* Neuropsicología Histórico-Cultural: una concepción sistémica e integral acerca de fenómenos psicológicos y sus bases cerebrales. **Estudios de Psicología**, Natal, v. 24, n. 1, p. 65-75, 2019.

TOASSA, Gisele. Conceito de liberdade em Vigotski. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 24, p. 2-11, 2004.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009. 125f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 2, p. 278-294, 2016.

TULESKI, Silvana Calvo. A Unidade do Psiquismo Humano para Vigotski e a Desagregação desta na Esquizofrenia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

VIEIRA, Rafael Porto; GHERARDI, Sandra Regina Marcolino; SEVERO, Mirlene Fátima Simões Wexell. Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão bibliográfica. **Multi-Science Journal**, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 69-77, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *et al.* **Desenvolvimento, linguagem e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2005.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR

ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

VIGOTSKI, Lev Semenovich. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. **Teoria e método em psicologia**, v. 3, p. 203-417, 2004a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas. Tomo 3**: el desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Paidología del adolescente. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas. Tomo 4**: paidología del adolescente y problemas de la psicología infantil. Madrid: Visor, 2006a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia concreta do homem**. Manuscrito de 1929.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Teoría de las emociones**: estudio histórico-psicológico. Madrid: Ediciones Akal, 2004b.

VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

ZANELLA, Andréa Vieira. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 97-110, 1994.

ZEIGARNIK, Bluma Wolfonna. **Introducción a la patopsicología**. Ciudad de la Habana: Editorial científico-técnica La Habana, 1979.

ZEIGARNIK, Bluma Wolfonna. **Patopsicología**. Ciudad de la Habana: Editorial científico-técnica La Habana, 1981.